

FORMAÇÃO, EXPERIMENTAÇÃO, INVENÇÃO*

Jonathan Taveira Braga**
Kátia Maria Kasper***

Resumo

Este estudo aborda o processo de formação e criação do artista curitibano Hélio Leites, aliado ao conceito de singularização de Félix Guattari e ao conceito de formação como um devir criativo e plural, de Jorge Larrosa. Pensando os processos educativos e de formação como processos de produção de subjetividades, esta pesquisa investiga o papel da invenção em tal produção. Pesquisador do botão, Hélio Leites além de criar diversos eventos que agregam pessoas, também produz miniaturas com palitos de fósforos e outros objetos menores. Seu trabalho opera com a apropriação e ressignificação desses objetos, utilizando o próprio corpo como suporte expressivo. Trata-se de práticas que fogem dos recursos semióticos dominantes, reinventando a relação entre subjetividade e corpo.

Palavras-chave: Singularização. Formação. Invenção.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda uma investigação¹ a propósito do processo de formação e de criação do artista curitibano Hélio Leites. Cartografa (ROLNIK, 2007) tal processo, inspirado no conceito de singularização de Félix Guattari e no conceito de formação como um devir criativo e plural, de Jorge Larrosa. Na tensão entre esses conceitos e a trajetória de construção do trabalho do artista, busca-se refletir sobre a formação entendida como experimentação vital e como um processo de singularização.

Singularização concebida como produção de um estilo de vida, um modo de existência. A trajetória de Hélio é matéria fértil para pensarmos a construção de experiências singulares e singularizantes de formação, afirmando outros modos de viver, pensar e sentir, para além das formas dominantes de subjetivação no capitalismo globalizado.

1. EX-POSIÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO

Partindo do pressuposto de que a subjetividade é importante componente dos investimentos do poder nas sociedades capitalistas contemporâneas (GUATTARI, 2001; GUATTARI; ROLNIK, 2005), investigamos modos de produção de subjetividade que resistem às tentativas de subjetivação que nos querem conformes aos moldes, modelos e padrões dominantes. Inventando, escapam às tentativas de homogeneização e normalização presentes nos processos

* Uma variação desse texto foi publicada nos anais do V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", em setembro de 2011, com o título: "Arte/ inutensílios: formação e acontecimento em Hélio Leites".

** Mestrando em Educação, UNESP/Rio Claro. jonathan_ilustras@yahoo.com.br

*** Doutora em Educação pela UNICAMP. Professora da UFPR. katiakasper@uol.com.br

formativos contemporâneos. Nessa perspectiva, a noção de formação ultrapassa, extrapola os espaços e tempos das instituições formais, sendo vista como um processo vital de construção de si, no embate com as forças do social. Envolve, portanto, uma articulação ética, estética e política.

Modos de agir, de sentir, de pensar, que acolhem aquilo que não está previsto de antemão, que reduz as pretensões de controle no contato com o outro. Ampliação de possibilidades para percebermos e produzirmos variações no mundo. Invenção de modos singulares de existência, constituídos polifonicamente e pautados pela experimentação. Diversamente do experimento, ela não pressupõe um caminho seguro a ser seguido e reproduzido, mas sim a invenção de caminhos e de novos territórios. Nesse sentido, encontramos ressonâncias com algumas considerações de Jorge Larrosa a respeito do sujeito da experiência. Território de passagem, lugar de chegada, espaço do acontecer, esse sujeito “define-se por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura, pela sua *exposição*; com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (LARROSA, 2001, p.25).

Movidos pela experimentação, pelo foco principalmente no processo e não apenas em um produto final, podemos pensar a formação sem termos uma ideia prescritiva de seu desenvolvimento, nem um modelo normativo de sua realização, mas como um “devir plural e criativo”. A formação, para Larrosa,

só poderá realizar-se intempestivamente, contra o presente, inclusive contra esse eu constituído, cujas necessidades, desejos, idéias e ações não são outra coisa que o correlato de uma época indigente. A luta contra o presente é também, e sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para ‘chegar a ser o que se é’ há que combater o que já se é. (LARROSA, 2004, p.61).

Um convite à potência do devir. Experimentar, mais do que se fixar em uma identidade pronta. Abrir-

se ao desconhecido, expor-se. Na experimentação, correndo riscos, podemos nos trans-formar.

Para a realização da pesquisa, produzimos documentários em vídeo com o artista: um depoimento a propósito da construção de seu trabalho e um registro de algumas de suas performances. As linhas de vida que construímos nesse artigo têm como fonte principal esse depoimento, estando marcadas pela forma como nos afetamos por Hélio e seu trabalho. Na busca por processos singulares de formação, as experiências de Hélio nos revelam um discurso à margem dos modelos propagados, tanto no âmbito da educação formal quanto da arte erudita.

2. HÉLIO LEITES: “ARTISTA DA PÁ VIRADA E FORA DA PROCISSÃO”

Button-maker-peformer-graphic-designer-multimidia-man, significador de insignificâncias, arquiteto do sonho. Artista plástico, artesão municipal, miniaturista e contador de histórias, Hélio dedica-se a tantas atividades que as nomenclaturas que lhe são designadas alteram-se constantemente. Porém, alguns detalhes em comum permeiam essas atividades: a apropriação e transformação de objetos do cotidiano e o uso do próprio corpo como suporte expressivo. Nem somente objetos transtornados – como costumeiramente o próprio Hélio designa o ato de transformar utensílios em “inutensílios” –, nem somente corpo, mas um acontecimento gerado nas interações que estabelece com o público.

Para Hélio Leites, pensar seu processo de formação evoca a imagem de um álbum de figurinhas e a primeira delas é uma professora de Educação Artística na escola primária. De uma bola de barro ela fez surgir uma caneca. Hélio afirma que essa caneca permaneceu no armário de sua memória por quarenta e três anos. Uma bola de barro sem valor, que virou caneca. Um dia ele descobriu que fazia a mesma coisa que a professora

fez. Repetia a cena: “eu pego uma caixa de fósforos e faço uma história”².



Figura 1 - Hélio Leites vestindo o Museu do Botão. Imagem do Livro *Pequenas Grandezas: Miniaturas de Hélio Leites* (PIRES, 2008).

Outra figurinha chama-se Teatro. Conta que essa era uma palavra que o tirava da sala de aula. Mal permanecia nela. Fazia teatro na própria escola. Ensajava muito. Fez vários personagens. Inclusive, reprovou o segundo ano em função de seu envolvimento com o teatro.

Suas apresentações hoje utilizam-se da linguagem teatral e performática. Os personagens do teatro de Hélio são dados por pequenas peças que representam cenas e encaminham histórias. Personagens-cenários, talvez, em que o palco é o próprio Hélio. Onde essas miudezas que compõem os acontecimentos são também vestes: óculos, luvas, bonés, coletes, chapéus, mangas e o próprio cabelo. Todos os acessórios enriquecidos por histórias colhidas no viver, acrescidos pela reutilização de objetos “impregnados

pelo uso” (PIRES, 2008, p.33), como palitos de fósforos queimados, palitos de sorvete, caixinhas, embalagens, retalhos de tecidos, latas, seringas, lâmpadas, conta-gotas. Enfim, muitos objetos dispensáveis pelo homem comum e que nas mãos de Hélio criam situações inusitadas.

O interesse pelas miniaturas apareceu na vida de Hélio ao descobrir que simples botões poderiam contar a história da humanidade através dos materiais pelos quais são feitos. A característica de colecionador de botões trouxe a inquietação de procurar um lugar onde poderia expor sua coleção. Segundo o artista, depois de muito procurar uma instituição que acolhesse seu acervo, já descrente com a ideia, a caminho de casa, cuspiu em cima de um botão: “algo me dizia para não abandonar minhas ideias, um botão-mestre”.



Figura 2 - Colete Museu do Botão. Imagens do Livro *Pequenas Grandezas: Miniaturas de Hélio Leites* (PIRES, 2008).

Certo dia um amigo lhe ofereceu o próprio corpo como espaço possível para expor os botões. Era a deixa para Hélio iniciar a confecção dos seus coletes-museu. Percebeu que podia ser independente, criar o seu espaço, sem precisar da permissão dos lugares de outros. Assim, construiu ele mesmo seu colete Museu do Botão: avental que é, ao mesmo tempo, um museu e um cenário teatral.

Extensão corporal, veste-se com ele. O Museu do Botão foi foco da atenção do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que dedicou uma página de sua revista a ele.

Hélio afirma que

do lugar onde ele estiver é teatro, porque ele é o próprio corpo. É um teatro que dá pra você usar o corpo, não só o meu, mas dá pra usar o de outra pessoa também. Mas eu uso o meu por circunstância, de propósito mesmo. Eu tenho a impressão de que aquilo ali é uma segunda pele em mim. O jogador não diz assim, quando ele quer valorizar a profissão dele: a camisa é minha segunda pele. Meu teatro também é minha segunda pele, mas eu posso mudar aquela segunda pele (LEITES, 2010).

Ao trocar o colete-pele, o teatro vira museu: Museu do Botão. Nas palavras de Hélio, “um museu que não tem hora para funcionar, não se preocupa com a chuva, pois não tem goteira, e também não tem paciência para esperar as pessoas visitarem ele, vai até elas onde quer que se escondam”. Com o museu incorporado, Hélio visita exposições de outros artistas interagindo com as pessoas ao entregar um adesivo pequeno em forma de botão, no qual há um desenho feito por ele, conforme o tema do evento no qual acontece a ação.

Pesquisar o botão foi se tornando uma forma para Hélio tecer aberturas:

de repente, você está num mundo onde as pessoas estão estudando tudo (...). Daí, o que é que sobra para você? O botão. Esse objeto que está há um palmo do nosso nariz. Colado na nossa pele. A gente pega nele em média 37 vezes por dia e a gente não sabe nem quantos furinhos ele tem. Se você não sabe quantos furinhos tem uma coisa que está tão próximo de você, com que moral você quer entender as coisas que estão do outro lado? A duzentos mil quilômetros da Terra? Tem gente que não dorme pensando nas manchas solares, mas esquece de dizer um “oi” para o porteiro (LEITES, 2010).

As operações realizadas pelas inquietações de Hélio carregam o desejo poético de juntar pessoas. Unem. Criam mundos, associam. Seja em torno do “ASSINTÃO”

(Associação Internacional dos Colecionadores de Botão), da “Ex-cola de Samba Unidos do Botão”, do “Fiu-fiuu Sport Club” (Associação de Assobiadores), ou da “Igreja da Salvação pela Graça” – cujo slogan é *Deus é Humor*³ –, Hélio movimenta diversos outros artistas para intervenções cujo tom envolve também o lúdico e o humor.

A constatação de que as pessoas não pensam do mesmo modo, mas abotoam da mesma maneira, constitui-se como disparadora de suas invenções. Delineia-se, então, a preocupação de Hélio com a criação de pontes entre as pessoas, usando como artifício a transformação de objetos em poesia.

Às vezes, essas coisas são pequenininhas... E tudo que você jogar na humanidade, tudo que você jogar para o cosmos vira proposta. Meu objetivo, por exemplo, é pegar uma caixinha de fósforo e tentar concertar o mundo. Como é que a gente concerta o mundo com uma caixinha de fósforos vazia? Você sonha dentro da caixinha de fósforos (...). A filosofia do meu negócio é essa: eu pego uma caixinha de fósforos, transformo ela numa peça e transformo em ponte. E a gente vai concertar o mundo quando a gente fizer ponte entre as pessoas. Às vezes, eu não sei o que elas vão fazer quando se juntarem, mas sempre que você separa duas pessoas você dobra o problema do mundo (LEITES, 2010).

Produtor de “inutensílios”, para Hélio, “sonhar dentro ou em cima de algum objeto” consiste ainda em acrescentar outras ações como lascar, lixar, colar e pintar. Requer servir-se do lúdico como meio de tornar as pessoas, com as quais interage, mais permeáveis ao contato com a diversidade do mundo. “Artesanato vivo”, como ele intitula, restringindo seu trabalho aos limites das caixinhas e legando ao outro o trabalho de ir além. “Artesanato de primeira necessidade”, pois existe a possibilidade de transformar palito de sorvete em pão, segundo ele, o milagre da reciclagem. Ou ainda, “artesanato universitário”, ironicamente, “o artesanato que tem até monografia de conclusão de curso”, afirma Hélio, referindo-se ao livro de Rita de Cássia Baduy

Pires: “Pequenas grandezas: miniaturas de Hélio Leites”.

Hélio nos apresenta alguns de seus mestres, aos quais atribui o papel de “tirar nossas cascas, mostrando nós para nós mesmos”: Paulo Leminski (cujas palavras ajudaram-no em uma “auto-decodificação”); Adélia Prado (conforme Hélio, ao ser atravessado por sua poesia, é impossível não trazê-la junto); Efigênia Rolim (sua parceira, artista dos papéis de bala); Adalice Araújo (professora e crítica de arte, responsável por reconhecer o sonho como princípio das inquietações de Hélio, chamando-o de “anarquitecto do sonho”).

Para ele, os encontros com esses artistas somam-se à vivência do ambiente urbano ao qual está exposto. Por ter vivido um bom tempo da sua vida em Curitiba, as especificidades do lugar trouxeram combustíveis para muitas ideias suas: o pinheiro, a comida, o trânsito, a personalidade dos habitantes e até mesmo as políticas de reciclagem. Contaminações que fazem “parte do seu DNA”, conforme Hélio. Não é por acaso que se apresenta como “um artista municipal curitibano, cuja pretensão é reforçar uma tradição Pilarzinho”, bairro onde reside.

3. MINIATURAS-ACONTECIMENTOS



Figura 3 - Algumas miniaturas. Imagens do Livro *Pequenas Grandezas: Miniaturas de Hélio Leites* (PIRES, 2008)

As situações-acontecimentos criados por Hélio são suscetíveis a diversos improvisos, pois além do transformador de objetos, há também o contador de

histórias. Histórias permeadas por prosas, versos e músicas criadas pelo recorte das diversas situações do seu viver. Como sugere Rita de Cássia Pires, as pequenas grandezas dos trabalhos de Hélio vêm acompanhadas com mensagens simples, mas com forte teor afetivo. Como na peça “Condomínio Ecológico do João de Barro”:

pendurei um martelinho, um lapisinho e um serrote. Naquela hora eu descobri que quem não tinha casa própria precisa de três ferramentas. São indispensáveis: uma que separe, o serrote; uma que junte, o martelo; e uma que dê o colorido, o lápis. Então, se você não botar alegria em meio a sua caminhada a sua casa não vai dar em nada. As pessoas sempre deixam para botar a alegria por último, daí não tem dinheiro para pagar a alegria. Você precisa ter uma reservinha, porque sem alegria nenhum projeto para em pé sozinho (LEITES, 2010).

Atento às observações da plateia que o ouve, Hélio está sempre buscando surpreender. Afirma que não poderia haver um golpe maior no contador de histórias do que quando alguém da plateia afirma já ter ouvido aquilo que está por contar. Situação que o coloca em cheque, obrigando-o a buscar novas configurações de si a partir das experiências que vivencia.

Hélio recentemente iniciou o curso de graduação na Faculdade de Belas Artes de Curitiba. A formação universitária foi buscada quando o seu trabalho já possui uma trajetória de décadas de construção fora das instâncias institucionais de formação. Em seu processo singular de formação e criação artística verificamos uma construção cujas bases ultrapassam as instituições propagadoras dos cânones artísticos. Seu fazer consiste na forma como foi encontrando materiais e discursos que estivessem de acordo com suas necessidades expressivas. Um trabalho que se aproxima do artesanato, mas também possibilita uma performance do artista ao interagir e contar histórias às pessoas que encontra nas ruas, eventos e na feira de artesanato do Largo da Ordem, em Curitiba, local onde possui uma barraca.

São miniaturas-acontecimentos, elaborados com objetos desprestigiados socialmente, como botões, palitos usados e embalagens diversas, aos quais Hélio acrescenta cor, versos e músicas.

4. CORPO, ARTE, SUBJETIVIDADE

Além das diversas nomenclaturas que carrega, poderíamos ainda inserir o trabalho de Hélio Leites dentro do conceito de “performance”. Modalidade esta que agrega diversas linguagens, transitando por distintas áreas discursivas, mas que nas artes visuais traz a suposição da utilização do corpo do artista como parte constitutiva da obra, através de uma “ação ao vivo, vista por um público num tempo e espaços específicos” (MELIN, 2008, p.7). Para Regina Melin (2008), teríamos as experimentações dos anos de 1960 e 1970 como catalisadoras dessa modalidade, cujos questionamentos colocaram em pauta a institucionalização da obra de arte e a necessária dissolução das fronteiras entre arte e vida.

Observa-se nesse período, a proposição como operação consciente de artistas que trocavam a *representação* do mundo pela *apresentação* de mundos. No Brasil do período estava outro Hélio, dessa vez Oiticica, mentor teórico da abertura ao espectador-participante como um outro que arrastaria a experiência artística para situações imprevisíveis. Apesar de distantes as propostas dos dois Hélios, podemos observar a inegável necessidade de *incorporação total* como procedimento que estabelece a completa aderência do *corpo na obra e da obra no corpo* (MELIN, 2008, p.23). As capas, chamadas por Oiticica de *Parangolés*, precisavam ser vestidas e usadas para que o trabalho fosse ativado. Se para Oiticica tal incorporação era mérito da experiência daquele que participava do trabalho, para Leites a incorporação é a dele próprio, cuja dinâmica lega ao outro a possibilidade de configurar um estilo como um modo de existir.

A trajetória de Hélio Leites aqui abordada diz

respeito ao modo como foi construindo sua própria existência, utilizando para isto a arte da reciclagem e a poesia inerente aos encontros que propiciaram potencializar seu fazer. Suas experiências demonstram formas outras de lidarmos com o entorno. Formas que escapam à lógica dominante do consumo, ao transformar materiais desprezíveis em trabalhos de arte, para além das distinções entre erudito e popular, ou arte e vida. Podemos mesmo dizer que há nos acontecimentos de Hélio Leites uma fusão entre esses territórios, com o intuito de ser coerente com uma maneira de pensar, de agir e sentir. Uma sensibilidade construída em meio aos diversos jogos de forças aos quais está exposto.

Tal sensibilidade resulta dos afetos que delinham corpos intensivos no encontro com objetos, pessoas e palavras. Seja atribuindo novas funções a pequenos objetos já utilizados, seja confluindo diversos artistas em prol do humor ou recitando frases, poesias e histórias para ampliar universos imaginários de sonhos (im)possíveis. Para Hélio, quando procuramos o que fazer dentro de nós mesmos, inevitavelmente fazemos o que gostamos. Porém, essa procura não é solitária, mas habitada por outros e pelas diversas possibilidades de lidarmos com eles. Na exposição a esses outros, inventa-se. Configura-se um corpo como morada dos afetos, capaz de construir sentido através da maneira como lida com aquilo que lhe chega, atravessa-o, deixa-se nele e o encaminha ao imprevisível. Lembra-nos Hélio que “para você vestir uma roupa do botão, você precisa ter convicção. Se você não tem convicção, o primeiro cara que chega lá ele te desestimula, acaba com você. Nossa idéia é simples, mas é bem sedimentada” (LEITES, 2010).

A convicção pode ser importante, mas não dilui os imprevistos que surgem no caminho. Novos obstáculos exigem novas configurações e a maneira como respondemos a esses imprevistos possibilita formas de resistir às forças que enquadram, normalizam, coagem disciplinas. Há nesse jogo um componente de

fragilidade inerente à condição de embate. Algo que, por estar sempre correndo o risco de ser capturado em referenciais dominantes, obriga-se a renovar, a buscar tecer linhas de fuga.

O processo de construção de Hélio Leites pode ser visto como uma política de subjetivação, delineando um território existencial que instaura mundos outros. Uma micropolítica dos afetos que estão além do sujeito Hélio, mas próximos e dependentes dos acontecimentos que este procura traçar. Na sua trajetória de formação podemos observar o trabalho de reinvenção vital, buscando novos referenciais de inspiração ético-estética.

Esse caminhar vai sendo constituído no embate com cada nova situação apresentada. Inventando um lugar, modos de fazer e viver. O seu trabalho de potencializar o pequeno – como afirmado por Marília Diaz (PIRES, 2008) – passaria então pela aprendizagem das formas de relacionar-se com o entorno, aguçando o sensível para a filtragem daquilo que permite existir singularmente. Seja sonhando dentro de caixinhas de fósforos, ou contando histórias dos afetos que o movem, Hélio nos mostra a indissociável potência entre arte, vida e aprendizagem.

FORMATION, CREATION, INVENTION

Abstract

This study has as object the process of formation and creation of the Brazilian artist Hélio Leites, allied to the concept of singularization of Félix Guattari and the concept of formation as becoming creative and plural, by Jorge Larrosa. Thinking the educational and formation process like processes of production of subjectivities, this research examines the role of the invention in this production. Researcher of the button, Hélio Leites,

besides creating different events that congregate people, also produces miniatures with matchsticks and other minor objects. His work operates on the appropriation and reframing the meaning of these objects, using his body as expressive support. These are practices that escape from the dominant semiotic resources, reinventing the relationship between subjectivity and body.

Keywords: Singularization. Formation. Invention.

NOTAS

¹ Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica, realizada nos anos de 2009 e 2010, no Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná. Financiamento UFPR/TN.

² Entre aspas e nas citações estão trechos do depoimento de Hélio Leites (Curitiba, 24 de abril de 2010).

³ O Povo do Botão é capitaneado por Hélio Leites e formado pelos artistas Katia Horn, Efigênia Rolim, Lauro Borges, Carlos Careqa, entre outros. Tal associação propõe anualmente, desde 1991, a apresentação da “Ex-cola de Samba Unidos do Botão”, menor escola de samba do mundo, cujos carros alegóricos em miniaturas desfilam por sambódromos improvisados na capital paranaense. O “Fiu-fiuu Sport Club” representa a Associação de Assobiadores e pretende reabilitar o assobio enquanto habilidade comum a todos, propondo olimpíadas realizadas na rua e a formação da Assobioteca P. Leminski: acervo de assobios registrados. A “Igreja da Salvação Pela Graça” consiste num evento performático, realizado anualmente no TUC - Teatro Universitário de Curitiba, em que o Povo do Botão propõe ritos de louvor ao bom humor com direito à procissão, músicas, bênçãos, orações e manifestos inventados pelos artistas.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas. v. 1. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- FARINA, C. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética. In: *31ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf>> Acesso em: 02 de abr. 2010.
- GODOY, A. Experimentações estético-políticas: do corpo

condenado ao corpo liberado, a vida como matéria ética. In: *Revista Eletrônica Alegrar*, n. 4, 2007. Disponível em: <www.alegrar.com.br>

GUATTARI, F. *As três ecologias*. 11. ed. Campinas: Papirus, 2001.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KASPER, K. M. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? *Pro-posições*. Campinas, UNICAMP. v. 20, n. 3, set/dez 2009. p. 199-214.

_____. Singularização, Formação, Ecosofia, Biopotência: reinventando-se entre o palhaço e o outro. In: *Educação Teoria e Prática*. v. 19, n. 31, jan. 2009. Rio Claro, SP: UNESP, 2009. p.103-116.

_____. Educação? Formação? Subjetivação? – reinventar-se na experimentação, ou de como se chega a ser o que se é contra o que se é, rindo de si mesmo. *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil*. UNICAMP, 2007.

LARROSA, J. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. nº 19, jan/abr 2002. p. 20-28.

_____. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa V. (Org.) *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed., Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 129-156.

_____. Carta a los lectores que van a nacer. In: *Leitura: teoria & prática / Revista da Associação de Leitura do Brasil*. Ano 27, n.52, jun. 2009. Campinas, SP: Global, 2009. p.5-16.

MELIN, R. *Performance nas artes visuais*. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. São Paulo: Max Limonad, 1985.

ORLANDI, L. B. L. Corporeidades em minidesfile. *Revista*

Eletrônica Alegrar. n. 1. Disponível em: <www.alegrar.com.br>. Acesso em: 15 de abr. 2008.

PIRES, R. C. B. *Pequenas grandezas: miniaturas de Hélio Leites*. – Curitiba: Artes & Textos, 2008.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Ed. UFRGS, 2007.

SIMSON, O. R. M. V. (Org). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

Enviado em 14 de abril de 2012.

Aprovado em 12 de dezembro de 2012.